



Então, simplesmente não se viam crises financeiras. Já no início da década de 70, com o desmantelamento do sistema de Bretton-Woods, tivemos duas mudanças importantes que ocorreram paralelamente: uma foi a política de industrialização, com países terceirizando suas bases de produção para outros países, não para favorecer a população, ou os trabalhadores americanos, obviamente, mas para obter mais lucros com mão de obra mais barata, sem restrições ambientais, como no norte do México, no sudoeste da China, Vietnã, Bangladesh e outros. Isso sempre aconteceu, mas houve um aumento grande nos anos 70, o que representa uma mudança e tanto na história americana. Desde suas origens, o país havia sido uma sociedade que se desenvolvia, crescia e se industrializava em etapas nem sempre tranquilas - houve alguns passos atrás, uma grande depressão, e outras coisas não muito agradáveis - mas foi uma trajetória bastante definida. Isto foi revertido desde a década de 70, Temos grandes lucros, mas não em setores numerosos da sociedade. O desenvolvimento paralelo foi a 'financeirização' da economia. O setor financeiro não era muito grande lá por 1970. É imenso, agora. Em 2007, logo antes do 'crash', era responsável por 40% dos lucros das corporações. Uma grande corporação - como, por exemplo, a

VINHETA: "A importância de contar histórias

General Electric - provavelmente obtém metade de seus lucros através de manipulações financeiras.

Esses dois eventos não apareceram do nada. Tiveram origem no fato de os lucros das indústrias estarem declinando, ou seja, as pessoas que controlavam o capital o estavam colocando em outros lugares: ou fora do país ou no mercado financeiro. Esses fatores causaram efeitos: começaram a concentrar riquezas, e a concentração de riqueza leva automaticamente à concentração de poder político. A riqueza sempre possuiu poder político, como aquela estava ainda mais concentrada, este se tornou ainda maior e com maior controle sobre a legislação, o que acelera o círculo vicioso: mudanças na política fiscal. A taxação de grandes e ricas corporações está hoje muito abaixo do que costumava ser. Há a “Regulamentação T”, que acelera os preços, mudanças nas regras que regulam as corporações e que deixam seus diretores e CEO’s quase totalmente livres para estabelecer os próprios salários, que se tornam astronômicos... É um círculo vicioso. O que aconteceu é que uma parcela da sociedade - uma fração mínima de menos de 1%, talvez de 0,1% - tornou-se incrivelmente rica. Para a maioria, porém, resta a estagnação ou até o declínio. As pessoas se mantêm aumentando drasticamente suas horas de

trabalho, as quais hoje ultrapassam em muito as da Europa e as do Japão... ou contraindo dívidas, o que um dia chega ao limite... E vivem em ‘bolhas’, mas estas estouram. Cada uma delas é pior que a anterior. O sistema é projetado para que essas pessoas não pereçam. Há uma política governamental de seguros chamada “Grande Demais para Fracassar”, a qual todas as grandes instituições financeiras conhecem bem, claro. E elas sabem que se se envolverem em transações arriscadas a fim de realizarem grandes lucros e o sistema por acaso desabar, os pagadores de impostos vão socorrê-los, o que, claro, aumenta a probabilidade de subavaliação de riscos. De modo que é mesmo algo projetado que garante crises repetidas, cada uma mais séria do que a anterior, mas crises apenas para a população em geral, não para os super ricos, que estão sempre muito bem. Há uma monografia que acabou de ser publicada pelo Instituto de Política Econômica, que é a principal e bastante confiável fonte de dados regulares sobre o estado de nossa economia, chamada *Fracasso Anunciado*. O que significa fracasso baseado em classes, eles ressaltam, fracasso para a população em geral, mas não para os superabastados ou para o setor público, e ainda menos para as instituições financeiras.

FOTO: Capa do livro “Failure by design”

E tudo projetado, pois há sempre políticas alternativas. É isto que tem acontecido. E em todos os níveis. É uma agressão generalizada à população. Basicamente, é a versão americana do neoliberalismo, a qual, durante este período tem sido empregada no mundo todo: na América Latina, que seguiu as regras mais rigorosamente do que a maioria, foi um desastre. Dez anos atrás, a América Latina finalmente começou a abandonar o chamado “consenso de Washington”; foi um dos primeiros a livrar-se dele. Considere o movimento *Occupy*: é análogo ao que ocorreu na América Latina uns dez anos atrás. É a primeira resistência de nível nacional, a essas políticas. Há políticas similares. Não idênticas no Brasil e nos Estados Unidos, mas com a mesma lógica baseada num alicerce intelectual oferecido pelas principais correntes da Economia: “os mercados não erram”. Então, vamos deixar os mercados em paz, apoiados pelo poder do Estado o tempo todo, pois eles constantemente se envolvem em desastres e o Estado tem que entrar no jogo e endireitar as coisas, mas isso não é da nossa conta. Já aconteceu na América Latina, já aconteceu aqui. A “Primavera Árabe” é, em substância, uma revolta contra políticas neoliberais. Se você observar bem, o Egito era bastante parecido com a América Latina dez anos

FOTO: John Williamson

FOTO: Cartaz do movimento Occupy

FOTO: Manifestante do movimento Occupy

FOTO: Primavera árabe

atrás. As instituições financeiras internacionais - o Banco Mundial e o FMI - estavam elogiando a economia egípcia, elogiando Mubarak por estar à frente de uma economia maravilhosa, “saudável”, ou então dizendo que “os indicadores são positivos”, isso é bastante familiar a vocês na América Latina. Tudo isso teve suas consequências de costume: houve crescimento econômico, altamente concentrado, um nível de corrupção enorme, o desfacelamento do processo democrático, cada vez menos sistemas de apoio e benefícios para a maioria, dura repressão à força de trabalho, então parece que está tudo bem, funcionando maravilhosamente, e aí tudo desaba e temos a “Primavera Árabe”. Agora, coisas parecidas estão ocorrendo na Europa; é um fenômeno global, com modos diferentes em cada lugar, mas há muitas semelhanças. É, então, um “fracasso anunciado”. Bem assim como eu acho que se pode descrever as políticas suicidas na Europa como sendo fracassos anunciados. Não resta muita dúvida que isso não deveria ocorrer. As políticas de austeridade em tempos de estagnação e recessão serão maléficas. Até mesmo a imprensa de negócios aconselha a Europa a não seguir esta trilha suicida. Repito, não são os governos que causam o problema. Há toda a propaganda sobre gastos desmesurados do governo

FOTO: Hosni Mubarak

o sistema de bem-estar social... nada disso. Vejam os países que têm um sistema de bem-estar social avançado e altos gastos governamentais como, digamos, os países nórdicos: estão muito bem, sem grandes problemas. Os problemas estão na periferia, e são causados pelos bancos, por manobras ilícitas do setor privado. Vejam, por exemplo, a Espanha, que tinha um orçamento equilibrado; às vezes, até mesmo superávit. Através da década, os bancos estiveram metidos nos mesmos tipos de trapaças que fizeram aqui: concedendo hipotecas que, eles bem sabiam, nunca seriam redimidas, instrumentos financeiros complexos que distribuíam custos e riscos de modo a não poderem pagar, enormes bolhas de moradia. Era para lá que a riqueza ia e isso tudo entrou em colapso. Algo parecido ocorreu na Irlanda, Inglaterra, a Grécia tem seus problemas específicos, mas são basicamente ações do setor privado que acabam passando para o público. E piora. Um dos efeitos é que o presidente do Banco Europeu, Mario Draghi, disse recentemente numa entrevista ao Wall Street Journal que “o contrato social está morto”. Tudo bem, culpem o contrato social; isto é uma grande parte da questão. Não se pode afirmar que tem sido uma coisa às escondidas. Alan Greenspan, por exemplo, que supervisou a economia

FOTO: Mario Draghi

americana, foi altamente elogiado pelos profissionais de Economia como um dos grandes gênios desta era. Até o dia do *crash*, estava sendo elogiado por manter moderação no mundo, por manter a economia em boa forma, diziam que “agora nunca mais vamos ter uma crise, pois a ciência econômica avançou muito...” E isso quase até o dia do *crash*. Foi assim no Egito, na América Latina também. Mas ele havia explicado abertamente ao Congresso como ele atingia esses resultados incríveis. Ele declarou, em depoimento ao Congresso, que tudo era, em grande parte, baseado na “crescente insegurança dos trabalhadores”. Se você torna a massa trabalhadora insegura, tipo não saber se vão ter um emprego amanhã, ou comida na mesa, isso é muito saudável para a economia, porque aí eles não pedem por salários mais altos, não pedem por benefícios, os lucros aumentam, é uma maravilha! Foi um depoimento público, com elogios, o ‘gênio’ foi elogiado e tudo o mais. Então, sim, o mundo está se dirigindo, anunciadamente, a uma cisão entre o que é às vezes chamado de uma ‘plutonomia’. É um termo criado pelo Citigroup, que é um dos principais responsáveis por esta crise e por outras anteriores. Há cerca de cinco anos, distribuíram um panfleto de investimento a seus investidores descrevendo o que

chamavam de 'plutonomia', que é uma pequena fração da população, a maioria nos EUA, Inglaterra e alguns outros lugares como a Arábia Saudita... os super ricos, essa é a 'plutonomia'. Eles diziam, "É aí que a vida da economia está! Se você quer investir, invista aí, na plutonomia, em bens de consumo de luxo para a plutonomia. Este é o caminho para a riqueza." Foi esse o conselho para os investidores. Por outro lado, há o que alguns denominam de 'precariado': pessoas vivendo uma existência precária. O termo significava originalmente as pessoas que viviam nas camadas mais pobres da sociedade; agora, se refere à sociedade! Aqueles que sofrem de crescente insegurança no trabalho e outros como eles, que não farão exigências, porque sua disciplina é controlada de acordo com os interesses da plutonomia. Essa é a versão *establishment* do slogan do movimento *Occupy* - 1% -- 99%. Mas deixando números para lá, qualidade de vida é a mesma questão. E é, claro, louvada entre os ricos e privilegiados. Claro, eles pensam que investir na plutonomia é bom. E sabemos como uma das duas organizações políticas nos Estados Unidos, que nem é mais um partido político no sentido tradicional, é totalmente dedicada à plutonomia, de modo aberto, aos ricos. Não se pode dizer a palavra 'ricos'; o termo a ser usado é

geradores de empregos'. É claro que eles não são geradores de empregos; eles ficam lá com os lucros das empresas subindo aos céus, e não investem esses lucros, mas eles são os 'geradores de empregos', e temos que lembrar de tratá-los com carinho. Nós não os taxamos, lhes concedemos benefícios, pois são os 'geradores de empregos'. Os termos 'abastados' ou 'ricos' são impronunciáveis. É meio que como o velho Partido Comunista: tem seu vocabulário próprio, um catecismo que todos têm de repetir religiosamente. Eles estão indo muito bem, incrivelmente bem. Tivemos um exemplo notável em Wisconsin, uns dois dias atrás. Houve um referendo para a retirada do governador, que tentou tornar ilegal toda negociação coletiva em uma investida contra os trabalhadores do setor privado, e houve uma enorme comoção pública que desaguou em um referendo contra ele. Ele venceu; não por larga margem, mas venceu. E houve dois fatores: um foi uma vantagem imensa de gastos - de sete ou oito por um. Dinheiro dos setores privados ricos, das corporações, foi derramado na campanha para os setores empresariais vencerem o referendo. Até mesmo uma vantagem de dois por um chega a garantir uma vitória. Essa foi de sete ou oito por um, não queriam correr risco. Mais interessante foi a atitude do público, que foram analisadas

e ensinaram muito. Uma grande porção do público, ao se pronunciar, pôs a culpa de sua situação atual não nos ricos banqueiros que criaram a crise, mas em seus vizinhos. Então, se seu vizinho é um professor, um bibliotecário ou um bombeiro, culpe-os, pois eles têm uma pensão e você não. Agora, por que eles têm uma pensão? Porque em seus contratos com o governo eles aceitaram salários menores. Você tem uma pensão devido a uma barganha: aceita receber um salário menor e aí recebe uma pensão. E então nós atacamos a *eles*, que em efeito têm salários menores, mas não os *banqueiros*! É brilhante! É uma técnica de propaganda brilhante. Funciona, e uma das razões é que não há oposição a ela. A administração Obama basicamente concorda. Os Democratas não tentam se contrapor a ela. O próprio Obama, para mostrar que se preocupa com o déficit, resolveu entre outras coisas congelar os salários dos funcionários federais. Quando você congela o salário de funcionários federais, é equivalente a taxá-los. Temos, então, um imposto no funcionalismo federal em um tempo em que se proclama não haver impostos. Não vamos criar mais impostos, com certeza nenhum para os ‘geradores de empregos’. Vamos taxar os trabalhadores, os funcionários federais. E fizeram impunemente; não há oposição. O movimento *Occupy* é uma resistência a

...sso. É um caminho e tanto para se percorrer, mas não é impossível de superar.

ENTRA VINHETA DO COMERCIAL

## BLOCO 2:

### NARRADOR

Nesse bloco, Noam Chomsky fala do Brasil e de como nosso desenvolvimento pode naufragar se não atentarmos para alguns dados fundamentais da história dos países mais ricos do mundo.

### CHOMSKY

Acho que as políticas brasileiras nos anos recentes têm sido, comparativamente falando, bastante decentes. Não falo de um alto nível de comparação, mas muitas coisas têm melhorado substancialmente no Brasil, no âmbito doméstico e no internacional. Brasil tem desempenhado um papel muito bom nos assuntos exteriores em muitos aspectos. Programas como o de atenuação da pobreza e outros lograram algum êxito. Quanto ao crescimento econômico, é como em grande parte da América Latina, Brasil está seguindo por um caminho perigoso, baseado na exportação de produtos primários. Isso pode sobreviver enquanto a China e a Índia quiserem muita soja ou ferro, mas não é esse o meio de se construir uma economia de sucesso. Outras direções têm de ser seguidas. Na verdade, os efeitos colaterais da riqueza proveniente de recursos naturais que enfraquecem a economia de manufaturas são bem conhecidos. Então, bens de consumo baratos chineses entram como parte das vendas de produtos primários para a China, o que solapa o desenvolvimento econômico

### ENTRA VINHETA DE RETORNO

VINHETA: “O lugar da arte hoje”

brasileiro. Os países que se desenvolveram não seguiram por esse caminho.

Voltemos, então aos EUA. Em 1776, quando o país se libertou da Inglaterra, ou começou a se libertar, os colonos receberam um conselho sobre como proceder. O conselho foi quase o mesmo que o FMI e o Banco Mundial e os profissionais da Economia dão hoje em dia. E foi recebido de uma alta fonte: Adam Smith, o economista do momento. Ele recomendou com veemência que adotassem uma economia sólida. O que ele quis dizer, em termos simples, foi, concentrem-se em produzir produtos primários - alimentos, algodão, peles, etc. Não tentem desenvolver bens manufaturados, porque os da Inglaterra são muito superiores. Então, importem produtos manufaturados, concentrem-se em produtos primários e, certamente, não tentem monopolizar os seus recursos; isso seria terrível. Fazendo assim, toda a economia global vai melhorar. Bastante familiar, isso. É essencialmente o 'consenso de Washington'. Como as colônias eram livres, fizeram exatamente o oposto: impuseram tarifas muito altas, a fim de manter os produtos superiores ingleses fora do país, começaram a desenvolver seus próprios têxteis - e têxteis tem um efeito colateral, é preciso uma infraestrutura para produzi-los. Isso

FOTO: Declaração de independência dos Estados Unidos

FOTO: Adam Smith

Esses são os resultados de ou se seguir uma sólida Economia, como na América Latina, ou deixá-la de lado, como nos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França, os 'Tigre Asiáticos', e aí se desenvolver. Os registros históricos são bastante claros em relação a isso. Não é Física, mas as tendências são bem evidentes. Mas é compreensível, e eu creio que a América Latina vai ter que aprender essa lição. De certa forma, está, mas ainda falta muito.

ENTRA VINHETA DE ENCERRAMENTO